

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: CONJUNTO DA OBRA¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: THE ENTIRE WORK

Jô Drumond*

1. Apresentação do autor

Francisco Aurelio Ribeiro é um escritor eclético, que circula facilmente entre diversos gêneros literários, com produção profícua e variada. É professor, poeta, cronista, ensaísta, historiador e grande pesquisador da Literatura no Espírito Santo, sobretudo da Literatura feminina.

Veremos aqui o conjunto da obra de um Doutor em Literatura, que vem desenvolvendo há décadas uma incansável pesquisa sobre Literatura produzida no Espírito Santo. Mostraremos, sucintamente, seu valioso legado de registro

¹ DRUMOND, Jô. Francisco Aurelio Ribeiro: conjunto da obra. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 108-116.

* Doutora em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

historiográfico da literatura produzida nesse Estado, assim como sua produção poética e ensaística, sua profícua produção de crônicas, sobretudo de crônicas de viagem (é cronista semanal do jornal *A Gazeta* - ES), e suas obras infanto-juvenis.

Francisco Aurelio Ribeiro nasceu em 1955, em Ibitirama, ES. É graduado em Letras e Direito; pós-graduado em Língua Portuguesa e Administração Universitária; mestre e doutor em Literatura Comparada. Exerceu o magistério, assim como cargos administrativos desde 1973, na Ufes, na PUC/Minas, e em Faculdades do Estado, como Cesat, Saberes, Cesv, UVV. Aposentou-se pela Ufes, onde foi Secretário de Produção e Difusão Cultural, Coordenador Geral do Pós-Graduação em Letras, Coordenador de Pesquisa e Extensão do PPGL, Coordenador do Curso de Especialização em Literatura e História do Espírito Santo. Nos anos 80, foi um dos batalhadores pela criação das disciplinas Lit. Infanto-juvenil e Lit. do ES, nos cursos de Letras dessa universidade; sua Tese de Doutorado, defendida na UFMG, foi a primeira a abordar a Lit. do ES; Atuou em cerca de 20 bancas de Mestrado, sendo a maioria na Ufes. Foi o criador da Edufes, em 1995; criou também a revista Você, que durou cerca de 5 anos. Na Faculdade Saberes, foi coordenador do Curso de Especialização em Língua e Literatura, e no mesmo período (1999/2000), foi Coordenador do Curso de Letras no CESAT. Está à frente da Academia Espírito-santense de Letras, já em seu terceiro mandato como Presidente, sendo que, entre 2002 e 2004, atuou com vice-presidente dessa mesma instituição. Entre 2008 e 2009 foi Consultor da Secretaria de Estado da Educação, nas áreas de Língua Portuguesa e de Biblioteca. Pertence a diversas entidades como o Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo (desde 1992), à Academia de Letras Humberto de Campos, de Vila Velha, SBPC, ABRALIC, ANPOLL, ABL entre outras. É representante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, no Espírito Santo, desde 1983. Pertenceu à Associação de Escritores e Ilustradores de Livros Infantis e Juvenis no Espírito Santo, de 2003 a 2007. Foi organizador e Editor das coleções literárias

da SEMC/PMV e da AEL, de 2007 a 2010. Foi coordenador da coleção —Leituras do Espírito Santo||, com 10 livros publicados pela Editora Nova Alexandria, SP, em 2009. Participou de dezenas de congressos, na maioria como conferencista ou palestrante e de várias bancas de concursos. Atua também como organizador de antologias e dicionários de autores residentes no ES. Em seu vasto currículo, constam também diversos ensaios e artigos publicados em revistas de pós-graduação e em revistas literárias.

2. Obras publicadas

Como é difícil reunir toda a obra do autor, seguem-se abaixo, em ordem cronológica de publicação, algumas resenhas e/ou informações que poderão auxiliar os professores no momento de adotar um livro a ser explorado em sala de aula. Esses dados facilitarão o trabalho de escolha, no momento das indicações de leitura e das sugestões de pesquisa.

2.1 Livros infanto-juvenis

Seus livros infanto-juvenis são muito diversificados no quesito apresentação e ilustração. A temática preponderante envolve animais, sobretudo animais domésticos. Nota-se no autor a constante preocupação com a linguagem. Em sua concepção, o livro, cujo público alvo é formado por crianças e jovens deve ser trabalhado tanto no conteúdo quanto na forma. Não se trata apenas do registro verbal de um conto reproduzido ou inventado. O apuro com a linguagem se faz necessário. Por conseguinte, em algumas de suas obras, nota-se a utilização de técnicas poéticas, como figuras de estilo, assonâncias, rimas e aliterações, que dão maior cadênci à prosa e proporcionam maior fruição no momento da leitura. O livro *Mistérios de lá e de cá* é um verdadeiro poema, todo metrificado, em redondilha, com rimas no segundo e quarto verso de todas as estrofes.

1984 – *Era uma vez uma chave* – ilustrações de Paulo Roberto Sodré.

Uma chave, triste por não ter fechadura, sentia-se sem serventia. Foi aconselhada a sair pelo mundo atrás de surpresas. Desiludida de tanto procurar um lugar feliz para viver, desistiu da procura e tirou um cochilo debaixo de uma marquise. Um engraxate, de passagem, precisava de uma chave para sua caixa. Pegou-a, experimentou-a, e dela tomou posse, pois era a chave perfeita para aquela fechadura. “A chave ficou roxa de felicidade”.

1984 – *Leve como uma folha* – Ilustrações de Paulo Roberto Sodré.

Duas lesmas, Matilda (a mãe) e Clarice (a filha), durante um passeio matinal, avistaram numa laranjeira uma folha multicolorida, que mais parecia uma flor. Aproximaram-se e descobriram que se tratava de uma folha que passeava na garupa do vento. Em cada lugar por onde passava, levava uma cor, de lembrança, e deixava uma saudade.

1985 - *O Gato xadrez* – ilustrações de Atílio Colnago.

Leitura cadenciada e muito agradável, com rimas em “ê’s” ao longo de todo o texto. Era uma vez um gato xadrez... maciez – pedrês – siamês – freguês - três – burguês – mês – chinês – fez – talvez – limpidez etc.

1987 – *O ovo perdido*.

Livro escrito em parceria com sua filha Flávia, quando esta tinha nove anos. Projeto gráfico de Atílio Colnago. Trata-se de duas historietas. A primeira, mais curta, é de Flávia. Fala de uma cidade sem cor, sem luz, sem vida, sem alegria, sem ruído algum. “Cachorro não latia, gato não miava, gente nada dizia, criança não brincava...” A alegria da cidade voltaria se encontrassem um ovo perdido do Papai Noel. No dia 25 de dezembro surgiu, numa casa, uma caixa trazida do céu. Ao abri-la, um menino gritou: É um ovo! E a mãe se pôs a falar e tudo se pôs a brilhar. A cidade voltou a ter vida.

A segunda história, de autoria de Francisco Aurelio, fala da criação do mundo. Com o advento do ser humano na terra, tudo se tornou escuro. A terra perdeu

sua harmonia devido ao desrespeito para com o meio ambiente. Muitos anos sem luz se passaram. Surgiu um velho de barbas brancas, bata e capuz, dizendo que a solução de tudo estaria num ovo perdido no tempo, há milhões de anos-luz. Só depois de encontrado voltaria a cor, a luz e a harmonia à terra. Muitos se puseram a procurá-lo, mas não se sabe se foi encontrado. Não se sabe tampouco se algum dia tal ovo existiu.

1990 – *Ora pombas* – ilustrações de Paulo Fábio Beleza.

O narrador começa dizendo que essa é uma história moderna, mas que, apesar disso, vai começar com “era uma vez”, pois é a melhor maneira de se começar uma história. No meio do conto, relembra o leitor de que se trata de uma história moderna, com personagens da classe média, em lugar de príncipes e princesas. Dois pombinhos chamados Tristão e Isolda marcaram casamento para as dezoito horas, na Catedral. Foram passar a lua-de-mel na Europa, de carona dentro da cartola de um mágico. Tristão acabou trabalhando de garçom numa cervejaria em Munique. Isolda o trocou pelo mágico, e depois, se livrou deste, para ser dançarina de canção no Lido, em Paris.

1993 – *A gralha e a tralha* – ilustrações de Joyce Brandão.

Texto melodioso, ritmado, repleto de assonâncias. A história, que termina com um insólito casamento entre uma gralha e um hipopótamo, foge do clichê de “foram felizes para sempre”. O autor atualiza a narrativa e leva o leitor à reflexão. “Há um risco: e se o casamento deles terminar? Afinal, essa é uma história atual e só nas histórias antigas era-se feliz para sempre, o que parece tempo demais... ou não?”.

1995 – *Mistérios de lá e de cá* – Ilustrações de Mirella Spinelli.

Na primeira página o autor lança um desafio ao leitor: que ele adivinhe quem é o narrador, antes de chegar ao final da história. O texto foi escrito em onze estrofes de quatro versos de sete sílabas (redondilha), rimando sempre o segundo com o quarto verso.

Certo dia o narrador percebe que toda a bicharada, elegantemente vestida, dirige-se a uma festa para a qual ele não havia sido convidado. Continua a caminhada pela rua e encontra sua namorada, que tampouco havia sido convidada. Os dois rejeitados ficam juntos e se consolam mutuamente. Para quem não conseguiu desvendar o enigma durante a leitura, o narrador se identifica, na última página: é o senhor Ratão, figura sempre rejeitada.

1999 – *A Casa Mal-assombrada* (Juvenil) – Ilustrações de Eliana Brandão.

O narrador relembrava nostagicamente suas férias escolares no interior do Estado, em Muqui. Entre a casa de seu avô e o centro da cidade, percurso que fazia com certa frequência, havia uma casa mal-assombrada, cujo proprietário se enforcara num dos caibros de uma janela da que dava para a rua. Segundo consta a lenda, como nunca fora enterrado, aparecia habitualmente aos passantes, como alma penada. O narrador pede a seu avô que lhe conte a história da dita casa. Este lhe narra uma insólita noite em que um forasteiro valentão, que não acreditava em assombração, resolveu passar a noite justamente no quarto onde o velho havia se enforcado. A história (também moderna) apresenta três desfechos possíveis ao leitor, de modo que o mistério continua.

2002 – *Frajola e sua paixão* – Ilustrações de Nilson Bispo de Jesus.

Frajola era um ganso de estimação, que vivia dentro de casa, sempre ao lado de Zezé, com quem assistia às novelas televisivas. Tal ganso era o único no terreiro e acabou se apaixonando pelo galo, que só tinha olhos para as galinhas. Frajola curtiu seu amor platônico até que um dia a família resolveu fazer um ensopado do galo, que já estava ficando velho. Com a morte do galo, Frajola morreu de tristeza, pela falta do amado, no mesmo dia.

Na primeira página o autor afirma que essa é uma história real e que “viver é conviver, também, com a morte. Para isso existem as histórias: para reviver os que se encantaram”.

Em depoimento durante o “De bate-papo com o escritor”, em julho de 2010, na Biblioteca Pública Estadual de Vitória, o autor declarou que, em atendimento a solicitações externas, viu-se obrigado a transformar o ganso em gansa, para evitar conotação homossexual.

2003 – *Seu Miséria e Dona Pobreza* (Juvenil) – ilustrações de Denise Rodrigues Pimenta.

História antiga, contada pelo avô do narrador. A cena se passa há dois mil anos, na época em que Cristo andava pela terra. Um casal perdera tudo, inclusive os filhos, durante uma grande seca. Eram tão pobres que os passantes os chamavam de Seu Miséria e Dona Pobreza. Seu Miséria ajudava a todos. Um dia, apesar dos protestos de sua mulher, desmanchou na forja, a única panela que havia em casa, para fazer uma farradura para um passante, que perdera uma das farraduras no caminho. O viajante incógnito era nada menos que Jesus Cristo. Em agradecimento, Cristo solicitou ao homem que fizesse três pedidos. Em vez de pedir riqueza, conforto ou o céu, fez três pedidos insólitos, o que causou conflito entre ele e sua esposa. Pediu uma cadeira da qual ninguém podia se levantar sem sua autorização, uma tamareira repleta de frutos da qual ninguém descia sem sua autorização e uma bolsa da qual nada saísse sem sua ordem. Sua esposa se indignou com a bizarria dos pedidos.

Para fazer as pazes com ela, vendeu sua alma ao diabo, em troca de 20 anos de luxo e riqueza. No final dos 20 anos, o diabo veio, sentou-se na cadeira e ficou preso. Só foi autorizado a sair dela, depois de ter prometido mais 20 anos de riqueza ao casal. Passados esses 20 anos, vieram dois de uma vez, para evitar esperteza por parte do velho. Viram a tamareira repleta de frutas suculentas e subiram para saboreá-las. Ficaram presos nas alturas e só puderam descer depois de ter garantido mais 20 anos ao casal. No final dos 60 anos de boa vida, veio um bando de diabos, para buscá-los. Como Seu Miséria estava muito velho disse-lhes que estava muito fraco e bastaria um diabo do tamanho de uma formiga para levá-lo. O espertalhão fez-lhes um desafio: Se são mesmos poderosos, juntem-se todos num só e transformem-se numa formiga. Dito e feito. Pegou a

formiga, colocou-a dentro da tal sacola da qual nada saia. Caiu de cacetadas em cima da sacola. Ao abri-la, os diabos se escafederam e desistiram de vez daquela criatura. Quando os dois velhinhos decidiram morrer, foram bater à porta do céu, mas São Pedro não os aceitou, por causa dos três pedidos que ele havia feito, em vez de aceitar a sugestão reiterada de pedir o paraíso, por parte deste. Foram para o purgatório, mas lá não puderam ficar, porque era lugar apenas de passagem. Dirigiram-se ao inferno. Na chegada, aos serem avistados pelos capetas, estes se trancaram e não os abrigaram. Assim sendo, os dois ainda andam rondando de porta em porta, com almas penadas, vagando por aí.

2003 – *Cachorrada no céu* – Ilustrações de Arabson.

Segundo a narrativa, todo ano, no aniversário de São Pedro (29 de junho), havia festa no céu para a bicharada, mas para evitar transtornos, os cachorros nunca eram convidados. Numa dessas festas, eles foram convidados, pela primeira vez, com uma condição. Com o intuito de evitar encrenças, o santo exigiu que todos eles deixassem o rabo do lado de fora. Na saída, tiveram dificuldades em encontrar os respectivos rabos. Para evitar tumulto, na esperança de serem convidados para a festa do ano seguinte, cada um pegou um rabo qualquer e se foi. É por isso que até hoje todo cachorro tem mania de cheirar o rabo do outro, na expectativa de encontrar o seu.

2004 – *Juanita e sua galinha* – ilustrações de Denise Pimenta.

Texto aparentemente escrito como “recuerdo” de uma viagem à Guatemala. Trata-se do registro de uma cena vivenciada pelo narrador-turista, e registrada em forma de conto infantil. Juanita era uma linda e pobre garota, que andava sempre abraçada à sua galinha de estimação, e que acabou se tornando atração turística na região. Os forasteiros pagavam 1 dólar para serem fotografados ao lado da garota que ostentava atraente indumentária. O dinheiro arrecadado ajudava na despesa da casa. O leitor mirim, durante a leitura, aprende alguns termos regionais, como “totoras”, “cakchiquel”, “recurerdo”, “quetzais”.

2004 – *Saudades de Clarice* (juvenil) – projeto gráfico de Thiago Rezende Setubal.

Trata-se de vinte e uma crônicas e uma fábula, focalizando animais variados: galinhas, cachorros, cavalos, dinossauros, golfinhos, jaguatirica, jacu, gatos-doméstico, leão, marreco, paca, tatu e pássaros em geral.

2004 – *O rabinho do porco* - Ilustrações de J. Carlos.

Deus havia criado todos os animais sem rabo. Logo começaram as reclamações. Os animais se reuniram e procuraram o criador para reclamar a falta que o rabo fazia. A reunião começou tumultuada, pois todos falavam ao mesmo tempo. Deus pôs ordem, exigindo uma longa fila. Cada um justificaria a falta do rabo e ele criaria uma cauda de acordo com as necessidades de cada espécie. O porco, estando faminto, tentou furar a fila por várias vezes. Zangado com seu atrevimento, Deus, que estava com a mão na massa fazendo outro rabo, pegou um pedacinho de massa, fez um rabinho pequenino e o colocou no porco, dizendo que doravante não faria mais rabo algum. Por isso, o ridículo rabinho do porco é tão desproporcional. É por isso também que o homem, que seria o seguinte, na ordem da fila, ficou sem rabo. Para se vingar, este matou o porco e cozinhou com feijão seu rabinho, seu focinho, suas orelhas, suas patas etc. Virou prato tradicional: a feijoada.

2005 – *Circe e Ricardo* – Ilustrado por Zappa.

Circe era uma feiticeira belíssima, que ficava cada vez mais bela, com o passar do tempo. Todos que a procuravam, para obter o segredo da imortalidade e da eterna beleza eram recebidos por um temível dragão. A feiticeira não gostava de pessoas medrosas. Ela se transformava em animais e devorava todos os que se atreviam a visitá-la, pois todos sentiam medo de sua aparência. Um dia, Ricardo, filho do rei Arthur, estava caçando raposa e, sem perceber, invadiu os domínios da feiticeira. Ela se transformou numa terrível serpente e foi ao seu encontro. O príncipe, a princípio, ficou imóvel, sem ação. Depois. Começou a conversar com ela. Disse-lhe que respeitava seus poderes, mas que gostaria de um diálogo com

ela na forma humana, para se conhecerem melhor. Como ela percebeu que ele não tinha medo, transformou se em mulher, mas na mulher mais feia do mundo. Durante o bate-papo, Circe percebeu que se tratava de um gentleman e não de um imbecil, como tantos outros que a procuravam. Tentou seduzi-lo conversando sobre filosofia, astrologia, álgebra, alquimia... Ricardo ficou embevecido com sua sabedoria. Ao perceber que já era tarde, quis partir, mas ela o convidou para jantar. À meia noite, Circe transformou-se na mulher mais bela do mundo. Ricardo apaixonou-se perdidamente e a pediu em casamento. Ela aceitou com uma condição. Apareceria bela somente para ele, à noite. Durante o dia seria horrível e deveria ser assim apresentada aos amigos e aos familiares. Ele aceitou o desafio, arriscando o deboche de todos. Com isso, inocentemente, ele quebrou o encanto. Ela havia sido enfeitiçada por uma bruxa invejosa, quando nascera linda e loura. O encanto só seria quebrado quando um homem a amasse e a reconhecesse bela, "para além das aparências".

2007 – *Totonho e seu rival*.

Outra história real. Totonho era um galo de estimação. Certa noite um gato-domo entrou no galinheiro e estraçalhou grande parte da criação, mas Totonho e sua irmã Carijó sobreviveram. Já na velhice de Totonho, filhotes destinados a futuros galos foram comprados para substituí-lo. Estes cresceram muito depressa e começaram a disputar as mesmas galinhas com o rei do terreiro. Certo dia, Dourado, um novo galo deu uma coça em Totonho, e arrancou lhe um pedaço da crista, para lhe mostrar sua soberania no terreiro. Após esse malfadado evento, a família arranjou um galinheiro à parte para Totonho e o tratou com muito amor e carinho, para que se recuperasse mais rapidamente. Certo dia, Dourado conseguiu entrar por um buraco do galinheiro, deu outra coça no Totonho e lhe furou o olho esquerdo. No final do conto, o autor compara os animais aos seres humanos, mostrando que, assim como no reino animal, há humanos rancorosos, invejosos, sempre prestes a prejudicar ou destruir o próximo, em benefício próprio.

2009 – *Nos passos de Anchieta* (Juvenil) – ilustrações de Eduardo Azevedo.

Juliana, de 12 anos, aceita o convite de sua tia Cristina, para participarem juntas da caminhada “Passos de Anchieta”, um percurso de 100 km, em quatro etapas, de Vitória até Anchieta. O narrador entremeia as etapas da caminhada com histórias que a tia conta à sobrinha, sobre fatos interessantes da história do ES. Trata-se de um livro instrutivo, de leitura muito agradável. Além de traçar fielmente o que se passa durante o percurso, o livro apresenta, de modo prazeroso, diversos fatos ocorridos na época de Padre Anchieta.

2.2 Historiografia e crítica literária

1990 – *Estudos Críticos de Literatura Capixaba* é uma coletânea de textos destinados a alunos, pesquisadores e professores de Letras. Nesses estudos abordam-se obras de autores da terra, como Luiz Guilherme Santos Neves, Marcos Tavares, Deny Gomes, Fernando Tatagiba, Bernadete Lyra, Sebastião Lyrio, Adilson Vilaça, José Carlos de Oliveira, Debson Afonso, Francisco Grijó, Sérgio Blank, Miguel Marvilla, Ester Abreu, entre outros.

1993 – *A Literatura Infanto-juvenil de Clarice Lispector*: o autor aborda o conceito do gênero Literatura Infanto-juvenil, na tentativa de delinear seu estatuto por meio de análises comparativas entre alguns contos para adultos e 4 livros para o público infantil, todos eles de Clarice Lispector. Francisco Aurelio levanta questionamentos tais como: que critérios ou características marcariam a especificidade da lit. Infantil? O texto para crianças seria apenas um pretexto para transmissão de ideologias ou teria um ideal estético? O pesquisador parte das características básicas da ficção clariceana destinada a adultos e analisa suas —obras escritas para a infância, comparando-lhes a estrutura formal, os temas, a linguagem||. No final da obra há um espaço reservado à opinião das crianças leitoras de Clarice, alunas da rede pública e privada, com 3 e 4 anos de escolaridade.

1993 – *A modernidade das Letras Capixabas* é o resultado de sua tese de doutorado na UFMG, em Literatura Comparada. O autor faz uma longa

introdução, de cerca de 50 páginas, sobre Modernidade e Pós-modernidade. Em seguida, baseando-se na pluralidade e na diferença da produção pós-moderna, ele aborda semelhanças e dessemelhanças em algumas obras publicadas na década de 80, por nove autores capixabas, nos diversos gêneros. São elas: *A nau decapitada*, de Luiz Guilherme Santos Neves; *Blissful Agony*, de Amylton de Almeida; *No escuro armados*, de Marcos Tavares; *O País d'el Rey e A casa imaginária*, de Roberto Almada; *As contas do canto e O jardim das delícias*, de Bernadete Lyra; *Eis o Homem*, de Valdo Motta; *Pus*, de Sérgio Blank; *Tigres de papel e Nada de Novo sob o neon*, de Sebastião Lyrio; *Diga adeus a Lorna Love*, de Francisco Grijó.

2005 – *Haydée Nicolussi (1905-1970): Poeta, Revolucionária e Romântica*. Vitória: EL/PMV, 2005. 148 páginas. A publicação desse livro foi fruto de uma pesquisa de dez anos, realizada pelo autor.

1996 – *A Literatura do ES, uma marginalidade periférica*. O autor considera a Lit. produzida no ES como “marginal” ou “periférica” pelo fato de estar à margem dos grandes centros culturais da região sudeste, desde a época da descoberta do ouro em Minas Gerais, quando houve grande evasão de quase todo o contingente populacional do sexo masculino. Ficaram aqui, segundo ele, mulheres, crianças, idosos, índios, funcionários públicos e escravos. O autor faz, no primeiro capítulo, um apanhado da produção literária no ES até o século XX e afirma que nossa Lit. continua à margem da produzida nos grandes centros do país. Cita vários exemplos de escritores capixabas que, para atingirem certa notoriedade no cenário nacional, tiveram que atravessar as fronteiras do Estado e se estabelecer em grandes centros, como Rubem Braga, Geir Campos, Carlinhos ou Marly de Oliveira, entre outros. Nos capítulos subsequentes, ele aborda a produção literárias das minorias: mulheres, homossexuais, negros, índios e pobres. O último capítulo é reservado para a literatura feita para crianças e jovens, no ES.

1999 – *A árvore das palavras. Adilson Vilaça: vida e obra*. Vitória: SMC/PMV, 1999. Col. Roberto Almada, 90p. Antologia de textos de Adilson Vilaça, com

seleção feita por Francisco Aurelio Ribeiro, que redigiu também a notícia biográfica e um comentário crítico. O título escolhido é também título da terceira parte de Albergue dos querubins.

2003 – *Literatura Feminina Capixaba*. O autor focaliza autoras tais como Maria Antonieta Tatagiba, Maria Eugênia Celso, Rosalina Coelho Lisboa, Haydée Nicolussi, Lydia Besouchet. Focaliza também alguns nomes de destaque na época da criação da Academia Feminina ES de Letras, em 1949, como Judith Leão Castelo Ribeiro, Maria Stella de Novaes, Anette de Castro Matos, Virgínia Gasparini Tamanini, Arlette Cypreste, Maria José Albuquerque de Oliveira, entre outras.

2007 – *Afonso Cláudio*. Essa obra faz parte da coleção “Grandes nomes do ES”, da qual é a vigésima publicação. Abolicionista e republicano, Afonso Cláudio (1859-1934) era conferencista, escritor, publicista, jornalista, advogado, professor de direito, jurista e magistrado. Foi o 1º Presidente do Estado, assim como o 1º presidente do Tribunal de Justiça, na fase republicana, em 1889.

2007 – *Ainda resta uma esperança. Haydée Nicolussi: Vida e Obra*. Col. Roberto Almada. Vol. 14. Vitória: AEL/SEMC. Seleção, notícia biográfica e estudo crítico de Francisco Aurelio Ribeiro.

2009 – *As gentes que formaram a minha terra*. O autor aborda o caldeirão étnico-cultural chamado Espírito Santo. Focaliza as primeiras imigrações e os principais grupos étnicos que se instalaram no Estado. Aos nativos, somam-se primeiramente os portugueses, com sua língua, religião, hábitos e costumes. Com os negros trazidos da África, vieram também hábitos alimentares, danças, folguedos, crenças religiosas, folclore, enfim, tradições que foram aos poucos incorporadas pelos habitantes da terra. Na segunda metade do século XIX, vieram: alemães, pomeranos, holandeses, belgas, luxemburgueses, suíços, austríacos, italianos, sírios, libaneses, poloneses, chineses, japoneses e coreanos. Por conseguinte, segundo ele, não há um tipo regional característico, nem um —falar|| particular do ES, como o mineiro, o nordestino, o gaúcho, o caboclo

amazônico, entre outros. O capixaba é resultante de uma mistura tão grande, que, segundo o autor, pode representar todo o Brasil, devido à sua diversidade étnica e cultural.

2010 – *A Literatura do ES: Ensaios, História e Crítica* – Abordagem sucinta da literatura produzida no Estado do ES nos últimos cem anos. Esse livro reúne tanto textos já publicados em livros ou revistas, quanto textos inéditos, todos eles abordando a historiografia e crítica sobre a literatura produzida no ES. No último parágrafo, o autor faz a seguinte citação de Paul Souday: “Um crítico imparcial e consciencioso faz necessariamente três sortes de inimigos entre os autores: 1º) os que foram esquecidos; 2º) os que tiveram restrições; 3º) todos ou a maioria dos distinguidos, porque a distinção lhes parece diminuta ou foi também estendida a outros”. Assim é a vida, declara Francisco Aurelio: “Antes errar por fazer, pois receber pedras é próprio das árvores que dão frutos, que por não fazer, por acomodação ou tédio. Esse tem sido meu lema de vida nesses últimos 30 anos de vida, em que tenho procurado estudar a literatura produzida por capixabas, ou feita no ES...” (p. 139).

2.3 Crônicas

1995 – *Das cidades suas memórias*. Livro de crônicas de viagens. No primeiro texto, intitulado “Cidadão do mundo”, o autor declara que aos 40 anos já havia percorrido mais de 40 países, alguns dos quais ele já havia estado várias vezes, e que resolveu registrar em livro algumas passagens interessantes dessas viagens mundo afora.

1998 – *Fantasmas da infância*. Trata-se de 21 crônicas que abordam a infância do autor, pessoas que conheceu ou com quem conviveu, e que陪同ham seu imaginário, desde a infância. Personagens tais como a velha Dona Maria, Mariana Cotoca e vovó Florcinda tocam profundamente e trazem lágrimas aos olhos dos leitores, sobretudo daqueles que cresceram em contato direto com a natureza, caçando preás e nadando em rios de águas cristalinas.

2002 – *Estrela Prometida*. Algumas dessas crônicas já foram publicadas em jornais, revistas ou antologias; outras são inéditas. As 70 crônicas aqui inseridas foram divididas em seis blocos: Atualidades, Cultura Capixaba, Educação, Literatura, Memória e Viagens.

2006 – *A Vingança de Maria Ortiz*. Trata-se de 56 crônicas, de temática variada.

2009 – *O olhar para o mundo*. São 56 Crônicas de viagem. O autor registra suas andanças mundo afora. Trata-se de uma ótima leitura para quem gosta de viajar. Uma das epígrafes, de Marcel Proust, diz o seguinte: “A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares”.

2.4 Livros publicados como organizador

1997 – *Leitura e Literatura Infanto-Juvenil* - Trata-se de ensaios dos alunos de um curso ministrado pelo professor, na Ufes. Tal curso deu origem a um seminário sobre o mesmo tema. Os ensaios abordam questões de leitura e análise de textos infantis e juvenis.

1998 – *Antologia de Escritoras Capixabas*. Biografia e textos de diversas escritoras.

2000 – *Literatura e Marginalidades*. Essa obra, por ele organizada, origina-se da compilação de trabalhos apresentados e discutidos durante o evento de mesmo nome, abordando sobretudo a noção de “margem”, a questão de gênero e de minoridade.

2002 – *Academia Espírito-santense de Letras*. Patronos & Acadêmicos. Biografias dos patronos e dos ocupantes das quarenta cadeiras da Academia.

2007 – *Vitória, cidade portuária, na visão de seus cronistas, poetas e historiadores*.

2008 – *Dicionário de Escritores e Escritoras do Espírito Santo*. (Co-autor)

2010 – *Ensaios de Leitura e Literatura Infanto-juvenil.*

2010 – *Academia Espírito-santense de Letras. Patronos & Acadêmicos.* Versão atualizada.

2.5 Livro de poemas

1997 – *Vida Vivida.*

2.6 Livros didáticos

1984 – *Proposta curricular de Didática de Comunicação e Expressão para os cursos de habilitação ao magistério* (co-autor).

2004 – *Literatura: análises, resumos, obras, autores VEST/Ufes.*

2.7 Livros escritos sob encomenda Trata-se de publicações luxuosas, feitas com esmero, de capa dura e em grandes dimensões, contendo belas ilustrações sobre papel de ótima qualidade.

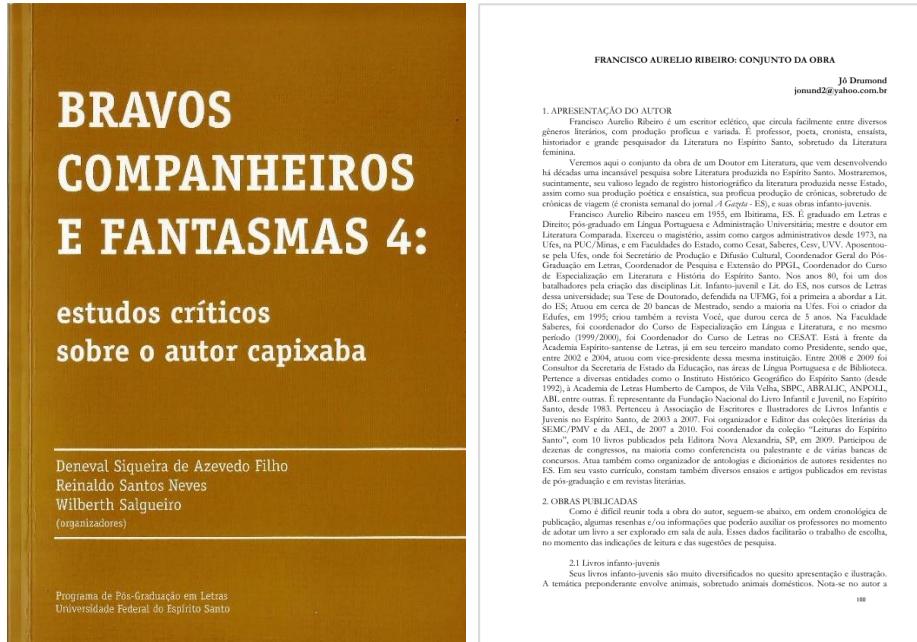
2005 – *Companhia Siderúrgica de Tubarão: a história de uma empresa.*

2006 – *O Convento da Penha: Fé e Religiosidade do povo capixaba.*

2010 – *FINDES: 50 anos.*

Finalizando, além de ser autor, co-autor ou organizador de cerca de 50 livros, Francisco Aurelio Ribeiro é responsável pela publicação de mais de duzentas obras de autores variados. Isso porque, muitas pesquisas realizadas e publicadas no ES partiram de sugestão, de solicitação ou até mesmo de orientação de sua parte.

Seu trabalho em prol da Literatura produzida em nosso Estado é um marco, um divisor de águas na historiografia literária capixaba. Deve-se a ele a descoberta e o resgate de importantes escritos de nossos compatriotas, que teriam sido relegados ao anonimato ou ao esquecimento, não fosse seu arguto senso de pesquisador e a capacidade crítica de um bom literato.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 4*
e página inicial do capítulo “Francisco Aurelio Ribeiro: conjunto da obra”, de Jô Drumond.